

BANDO ESCOLÁSTICO

RECITADO em 5 de Dezembro de 1933

pelo quintanista

António de Melo Coutinho

Abriu-se na Amplidão a névum da Saúde!
Palas, a bela Deusa, afaga em claridade
E em beijos de ternura a face a Nicolau!
Desce até nós um som de místico solau
E as almas nos transporta à Região-Sidéria.
Silêncio! Olhai em Luz o que já foi Matéria...
Polínia estende as mãos e os mirtos da Grandeza
Espalha, sorridente, em fronte de beleza:
— Bráulio Caldas, ao centro! Aos lados, João de Meira,
Padre Gaspar Roriz e o triste Arnaldo P'reira! —
Os velhos Professor's lá são em grupo austero:
— Cónegos Zé-Maria, o rígido Touqueiro,
Miranda, Bacelar e Sanches e Moreira! —
Os Mestres e a Poesia! A arte verdadeira!
Bem perto, é a alegria em risos estuantes!
Olhai-os, um a um, os velhos estudantes:
— O Campos, no zabumba, ardente como um tiro,
Carlos Abreu, o Pádua, o Álv'ro Casimiro! —

O Álv'ro! Que saúde! As suas gargalhadas
Enchiam toda a Festa! Eram como alvoradas
Em vibrações d'amor, em explosões de sol!
Seu riso, hoje é no Céu a luz dum arrebol!

Cá em baixo, sobre a Terra, um vivo: contemplai-o!
Anda como o Rei-Lear, o pálido Sampaio,
A gritar sua Dôr de tanta Ingratidão...
E' que ele foi o sangue, o próprio coração
Da Festa Nicolina e a Mocidade de hoje
Quási que o olvidou, da sua sombra fuge...
Capas pretas, voai, erguei-vos, capas pretas!
O' Mocidade em flôr de Artistas e Poetas:
Trazei-o junto a vós, ao vosso peito uni-o!
Rapazes: aquecei um Coração com frio!
Já velho, ele é o eterno e jovem namorado
Desta Festa d'Amor — Relíquia do Passado!

Eis no cimo o Castelo, a heróica fortaleza,
Frente de Guimarães vincada de nobreza!

O' nossa Mãe velhinha: o **vinto**, o filho amado?...
Ai! pobre de quem tem *md-sina* e *triste-fado*!...
Que mais querem de ti?... Que vento mau, de insânia,
Te regelou, ó Mãe da velha Lusitânia?...
Letrada, para quê?... Porque é que te *apagaram*
Dois anos de Liceu?... — E' triste, ó Mocidade!... —
(E os Galos-Celtas já há séc'los te chamaram
Araduca, que diz: — das Letras a Cidade!...)
Letrada, para quê?... se a ignorância, às vezes,
E' *aquela* que dá... sorte a tantos portugueses!...
Mas deixemos a dôr, a dôr que te crucia
E prossigamos, pois, na ronda da ironia...

Eh, pai!... Tanto café!... Num largo... três ou quatro!...
E' que o café *dá mais*... que a *peste* dum teatro...

Há ao longe rumor!... Rumor!... Quem o provoca?
— Aquilo é uma *defesa*, a *tempo*, do Rincão...
O' *elxo-ribaldeixo*, o teu rival desporto,
Pregou-te um pontapé e afocinou-te... E's morto!...

Louçã, entoucadinha, a Praça do Mercado
Com a nova Avenida, assim, de braço dado,
Mostram-se em lindo par e ainda em construção...
Merece a Cãm'ra de hoje um *xí* do coração...

Melpomene um *profeta*, há tempos, consultou
P'ra aliviar *horror's*... Vai ele, a exorcismou...
Nosso teatro; então, numa ânsia desesp'rada,
Tremeu, tremeu, tremeu, e... só tremeu!... Mais nada!...

Morreu numa prisão, às mãos dum furioso,
O *Bate-Fóllas* pobre, ingénio e... *palavroso*...
(Foi como que encerrar um tímido cordeiro
Na jaula duma hiena ou lóbo carniceiro!...)

Quando é que a Direcção da *surda* Companhia
Dos Caminhos de Ferro arranjará dinheiro
Para a cara *esfregar*, dar vida e alegria,
Lá cima, ao inestético e sujo... pardieiro?!

A grande *moda de hoje* é o *caco* em liberdade,
Mostrando a cabeleira emaranhada ou lisa...
Não chegará a andar, inteira a humanidade
Pelas ruas descalça e apenas... de camisa?!

Um monumento impõe-se, aqui, na nossa Terra
Aos Mortos e Heróis da monstruosa Guerra...
António de Azevedo, Artista, sem spavento,
Fêz-latejar em bronze a Alma de Sarmento!
Teixeira Lopes, Mestre insigne, num arranco
De Génio eternizou, num busto, João Franco!
Ah! não vos esqueçais de, carinhosamente,
Levantardes Memória ao Grande Gil Vicente!

Vós que o mando exercéis, Autoridades gradas,
Reprimi duramente as línguas desbragadas...
Retirai do Toural, humanas, sem acintes,
A triste aluvião de esqualidos pedintes...
Não deixeis perfumar de *essências exquisitas*,
Com *vivinha da Póvoa*, a sala de visitas
Onde *Afonso Primeiro* ergue bem alto a Espada...
Mostrai à gente ignara, inútil, despeitada,
Que a gente desta Terra é gente *dum só rôsto*
E sabe honrar a grei, altiva, no seu posto...

Minha Penha adorada: és linda e sem igual!!
A doce encarnação do Sonho em Portugal!!
Cada rocha, em teu dorso, é pedra estranha e muda
Que extática contempla a Natureza ruda
E a Mão que faz girar os Astros e o Universo!!
Minha lira não tem o som harmónico e terso
P'ra te poder cantar, ó Penha sem igual,
O' doce encarnação do Sonho em Portugal!!
Eu sou um menestrel sem tuba e sem... monóculo...
Minha pobreza fita, assim, com teu **binóculo**...

Tricanas que a cantas passais a vida inteira
Em frente dos tear's, na enorme barulheira,
A ânsia do Trabalho — o pão de cada dia! —
Porque é que tendes sêmpre um riso de alegria,
Tam diferentes sois das outras raparigas
E adormeceis a dôr num sonho de cantigas?...
O' tricanas gracios, ó frescas tricandinhas,
Que aos estudantes sois esquivas e ingratas:
Calçai os vossos pés com lindas chinelinhas
E deitai à valeta as feias alpargatas...
Cantai, cantai que a vida, assim cantada, a cito,
Passa sem se sentir e faz... arfar o peito!...

Costureirinhas vinde às nossas capas rôtas
Com vossas mãos de neve e dedos de garôtas
Dar pontos de retroz... *Contar-vos-hemos contos*
Dum tal *senhor vigário* em paga dèsses pontos...
Sempre *zuque que zuque* a agulha a pespontar,
Sempre *zuque que zuque* a máquina a girar,
E nós aqui à espera, as capas tam rotinhas,
Duns pontos de união das vossas dôces... linhas...
Pestanas de setim que chorais tanto e tanto:
O vestido da noiva, ai! quando estará pronto?...
O' olhos de veludo e amargurado pranto,
Que tam pouco auferis por tanto e tanto ponto:
Nós hemo-vos temp'rar, num *fogo original*,
Co' bico duma agulha o... aço do dedal...

Caixeiros do *bom-tom*, ó loiros *papo-sêcos*,
Nosso balcão não tem *riscados-parramecos*
E não podeis meter, aqui, vosso nariz...
— E' que no Carmo existe, ainda, o chafariz... —
Da *Marcha da Ilusão* vós sois os criadores!
A nossa Marcha é outra: é a Marcha dos tambores,
Que a cada um de nós rouqueja o seu lugar...
Misturas... *vá de rétro*... Assim não há azar...

Trabalhador's do campo e grandes oficinas:
Saúdam-vos, com crença, as capas e as batinas.

De vós, Comércio e Indústria, a Academia quer
Mais *sangue* e mais fulgor na Festa a Sam Gualter,
Fazendo realçar a vida a Guimarães!
Assim, tereis ensejo aos nossos parabéns.

Senhoras, escutai:

Ao ver-vos como as Santas
Da igreja do Luar (e de esbellezas tantas
Com que Deus vos formou!) sinto a descrença atroz
De viverem no Céu Santinhas como vós!
Sonhos da nossa vida alada e descuidada,
Beijos da nossa boca ardente e enamorada!
Violetas de sonho e ósculos de rosas,
Santas da nossa Terra, ó Santas tam formosas:
Num êxtase vos olho e sinto, após, desejos
Da vista transformar em biliões de beijos!
Senhoras, perdoai! A Mocidade é louca!
E' isto que estais vendo: o coração na boca!...

Senhoras:

As maçãs loirinhas e rosadas,
— Doces pomos de Amor, de Graça e vivo Enleio —
Com vossas mãos de neve, esguias, perfumadas,
Ila lança as retirai... guardai-as junto ao seio!

Rapaziada, alerta!... Em punho as maçanetas!...
As peças assestai, que isto não vai com tretas!...
Nesta luta mostrai que, *sem infantaria*,
Assim vos transformais em forte artilharia!...
A Cidade arrazai com balas de *zê-p'reira*,
O Cano, o Bentlhevai, a Pisca, a Feijoeira!...
Que trema a Sociedade austera das Nações!...
P'ra frente e sem pavor!... Rugi, tivaí, canhões!...

Dezembro de 1933.

DELFIN DE GUIMARÃES
(VIMARANES).